



## TERRITÓRIO, DESENVOLVIMENTO E O MODELO ECONÔMICO DO VALE DO RIO TIJUCAS E ITAPEMA EM SANTA CATARINA

Geraldo Máximo de Oliveira  
Valdir da Silva  
Arlison Thomaz

**Resumo:** A pesquisa se propõe a avaliar e discutir as dinâmicas relativas ao processo de desenvolvimento econômico adotado na região do Vale do Rio Tijucas. Nesta linha, o artigo será apresentado em três partes. Na primeira serão apontadas as principais categorias envolvendo o fenômeno do desenvolvimento regional, com isto, será possível situar o leitor e, ao mesmo tempo, promover uma pré-compreensão do tema. Na segunda parte serão verificados processos históricos e sociais envolvendo os ciclos econômicos do Vale do Rio Tijucas, onde será possível perceber a estreita interação entre o crescimento econômico e as dinâmicas ambientais. Por fim, a terceira parte se propõe a avaliar a situação atual do Vale do Rio Tijucas, neste momento, será possível extrair o principal escopo da pesquisa, ou seja, retratar os impactos causados pelo modelo adotado, bem como propor algumas medidas preventivas e de recuperação. Para alcançar as finalidades propostas, será utilizada a metodologia de pesquisa indutiva, precipuamente pelo modelo de análise referencial.

**Palavras-chave:** Território; Desenvolvimento Regional; Meio Ambiente; Vale do Rio Tijucas.

### Introdução

Trata-se de uma das mais importantes discussões da sociedade contemporânea, compreender e solucionar as dinâmicas envolvendo os processos de expansão econômica. As navegações portuguesas e espanholas aportaram na América do Sul e aos poucos foram colonizando em maior ou menor grau este imenso território que passava a ser conhecido pelo velho mundo. Ao chegar em terras tão distantes os europeus se depararam com um ambiente que já pertencia aos povos nativos que habitavam essas regiões, denominados de índios, bugres ou selvagens. Na exploração dos recursos naturais pelos europeus os nativos também foram explorados, a apropriação das matas, terras e águas gerou uma série de impactos ambientais que produziram e produzem consequências ao longo dos séculos. No Vale do Rio Tijucas os primeiros habitantes foram os Índios carijós, que tiveram contato com as primeiras incursões colonizadores por volta de 1530, mas a colonização só teve início de fato em 1775,



com a fundação do povoado nascente, ligado à paróquia de São Miguel que recebeu a imigração açoriana. A partir de então se deu a exploração de madeira que resultou no primeiro ciclo de desenvolvimento econômico da região.

Os modos de ocupação do território foram permeados por práticas extrativistas danosas para a região e para seus habitantes, que assistiram a diversos ciclos econômicos alternando crescimento e declínio da região do Vale do Rio Tijucas. A história econômica datada teve início com o ciclo da madeira, passando pela atividade agrícola e depois industrial. Em cada uma destas fases se observou o uso desenfreado dos recursos, alterando de forma significativa o equilíbrio social e ambiental produzindo riquezas concentradas nas mãos de poucas famílias e distribuindo os problemas ambientais e sociais a maior parte da população. A região do Vale do Rio Tijucas foi responsável por boa parte da economia catarinense durante o seu apogeu, os diversos ciclos econômicos demonstram a tentativa de reproduzir as condições geradas em outros tempos onde a força econômica e política influenciava os rumos do desenvolvimento do Estado de Santa Catarina.

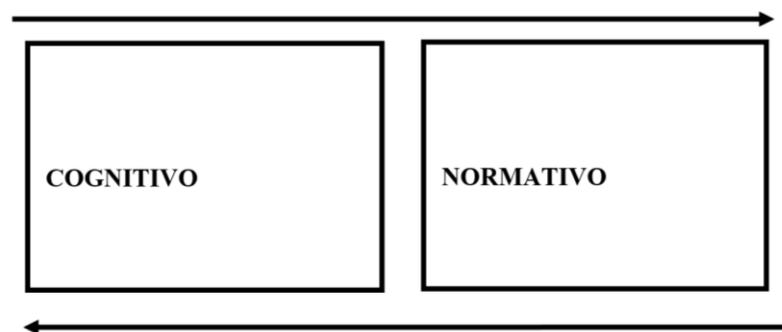
### **Entendendo o Fenômeno do Desenvolvimento Regional**

Antes mesmo de ingressar na problemática proposta pela presente pesquisa, é preciso destrinchar uma peça chave, um verdadeiro vetor de mudanças que pode ser utilizado para visualizar, ou até mesmo para interpretar os múltiplos fatores ligados aos processos econômicos encontrados no Vale do Rio Tijucas. Trata-se do desenvolvimento regional. O desenvolvimento regional compreende um conjunto de dinâmicas muito particulares, possuindo uma vastidão conceitual. Por um lado, pode ser entendido como um verdadeiro instrumento de leitura da realidade (PEET, 2009). E, por outro, acaba incorporado nos múltiplos contextos da sociedade contemporânea. Diante disso, abordar a seara do desenvolvimento regional é de suma importância. Afinal, o desenvolvimento regional tem muito a dizer sobre os processos humanos e naturais, especialmente aqueles ligados ao viés econômico (FURTADO, 2000), conforme será retratado adiante.

Todavia, é preciso advertir, que o próprio conceito de desenvolvimento regional também se desenvolve (MATTEDI, 2015) e, por isso, antes mesmo de atingir a conceituação de desenvolvimento regional, é preciso desmembrar os seus termos, resultando em duas categorias principais: desenvolvimento e região. O desenvolvimento é um fenômeno muito

importante. Evoca uma ideia que integra, simultaneamente, uma mudança formal e material. Em seu aspecto normativo, nos remete a uma verdadeira vastidão de dinâmicas. No âmbito normativo, o desenvolvimento reproduz um modelo de compreensão social (BOISIER, 2005). Nesta esteira, o desenvolvimento passa a compreender os aspectos subjetivos de cada interlocutor. Por exemplo, determinado empreendimento imobiliário, para alguns, poderia representar um avanço positivo, para outros, um verdadeiro retrocesso. Portanto, do ponto de vista normativo, a representação do desenvolvimento não é estanque.

Além disso, é possível atribuir ao desenvolvimento uma caracterização cognitiva, nesta linha, o desenvolvimento passa a representar uma ideia de passagem. No âmbito cognitivo, o desenvolvimento surge como um caminho que levaria a um processo de mutação, transformação e evolução. É preciso salientar, que o desenvolvimento também pode ser encontrado em múltiplos campos da ciência. Nas primeiras acepções biológicas, por exemplo, o desenvolvimento estaria atrelado à noção de evolução das espécies, momento em que atingem todo o seu potencial. Porém, em ambos os casos, tanto do ponto de vista cognitivo, quanto do ponto de vista normativo, o desenvolvimento está ligado à ideia de evolução, um trilho que remonta a um padrão mais benéfico. A partir disso, é possível compreender o desenvolvimento da seguinte maneira:



**Figura 1** - Conceitos de Desenvolvimento

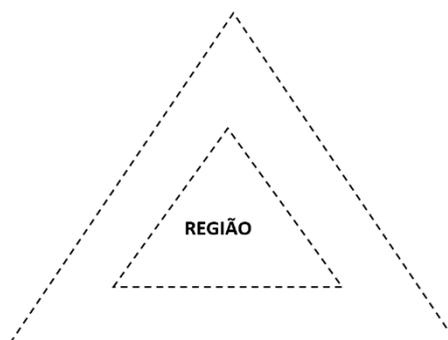
**Fonte:** elaboração dos autores, 2018

Todavia, em virtude de sua própria vastidão, o conceito de desenvolvimento carrega diversas cicatrizes. Na medida em que passa a ser atrelado aos contextos dos países tidos como desenvolvimentos, acaba transcendendo a esfera dos continentes, e, conseqüentemente, refletindo um estigma inconveniente para muitas nações. Em outras palavras, no exato momento em que o desenvolvimento passa a significar o padrão dos países



desenvolvidos, todo o restante passa a integrar o subdesenvolvimento (PEET, 2009). A partir disso, verifica-se um estigma operacionalizado por terceiros, e que resulta no agravamento das condições de inúmeras populações. É importante perceber, que a noção de desenvolvimento não é homogênea, as suas dinâmicas revelam pressupostos muito particulares. Mas para entender melhor o referido fenômeno, é preciso considerar a esfera regional. O desenvolvimento também está intimamente ligado ao conceito de região. Aliás, o próprio desenvolvimento ocorre em determinadas regiões (SACHS, 2000). O fato é, que não se pode ignorar os fatores de integração proporcionados pelas regiões, seja no âmbito político, jurídico ou social. Além disso, regiões possibilitam uma universalização muito particular do Estado, e que também estaria ligada a um processo de integração e de dominação (BOURDIEU, 2008).

Ingressando no âmbito conceitual, as regiões podem ser entendidas a partir de uma noção de escala. Além disso, a formação de uma região pressupõe a um marco antecedente, ou seja, a existência de um todo. Em virtude de sua abrangência, as regiões também podem ser pensadas sob múltiplos enfoques. No âmbito político, as regiões passam a depender de critérios institucionalizados (BEZZI, 2004). A partir disso, assim como o desenvolvimento, as regiões podem acabar entrando em confronto com a própria realidade social. Por exemplo, algumas comunidades afastadas das áreas centrais, podem não considerar legítima uma representação de poder emanada por uma capital longínqua. O mesmo processo ocorre em regiões fronteiriças, à representação regional pode restar distorcida, ao ponto em que os habitantes não compreendem, com exatidão, em qual município residem. Mas para facilitar a interpretação conceitual das regiões, é possível atribuir o seguinte modelo:



**Figura 2** - Conceito de Região

**Fonte:** elaboração dos autores, 2018



De todo o exposto, é notório que o desenvolvimento regional acaba se chocando com a própria realidade social, e, nesta medida, surgem vários problemas de ordem prática. Portanto, para aprimorar e ampliar a noção de desenvolvimento é preciso discutir, na prática, sobre a realidade vivenciada pela população. Sendo assim, perfectibilizadas as necessárias conceituais preambulares, a presente pesquisa passa ao segundo marco teórico, retratando as abordagens relacionadas às esferas sociais e econômicas referenciadas no Vale do Rio Tijucas, em Santa Catarina.

### **Ciclos Econômicos e o Meio Ambiente**

A região do Vale do Rio Tijucas, nordeste do Estado de Santa Catarina foi colonizada por alemães e italianos em maior e menor escala, dependendo da localidade. Conforme descrito no Plano Básico de Desenvolvimento Ecológico-Econômico da extinta Secretaria de Estado de Desenvolvimento e Meio Ambiente. Data de 1836 a primeira colônia italiana estabelecida no Estado. A região ficou inicialmente conhecida como uma fonte para o fornecimento de madeira de lei para a construção naval. A data de fundação de Tijucas é de 1859, desmembrada de Porto Belo pela Lei Estadual nº 464 de 04 de outubro de 1859. A economia da época estava baseada na exploração da madeira, no plantio de mandioca e na atividade portuária por onde escoavam esses produtos.

Em relação ao nome da cidade há algumas versões, de acordo com João José Leal as duas mais conhecidas são: de que o nome tijuco dado a lama escura que se espalhava sobre as praias próximas a foz do Rio Tijucas. Outra versão trata da do vocábulo tu'yuka ou ty-yúc que significa lodaçal, água escura, argila ou lama cinza-escura. Ressalta também que as primeiras pessoas que passaram pela região como o navegador italiano Sebastião Caboto já chamavam o lugar de *ty-yúc* batizada a época de São Sebastião do Tijucas.

A segunda etapa de desenvolvimento da região é marcada pela exploração da cultura da cana-de-açúcar para abastecer a Usina Francisca Galloti, que mais tarde passou a se chamar de Usina de Açúcar Adelaide e Tijucas (USATI S/A). A cultura da cana-de-açúcar também fornecia matéria-prima os engenhos na produção de açúcar grosso, cachaça e melado para consumo de seus habitantes e também havia a comercialização de parte do excedente para São Paulo e Rio de Janeiro pelo porto localizado na foz do Rio Tijucas, porém como consequência adversa essa monocultura acabou por comprometer a qualidade do solo



em toda a região. Outra plantação que merece destaque na região foi o plantio de fumo para abastecer a empresa Souza Cruz, no entanto, o cultivo gerou esgotamento dos solos agricultáveis e problemas de saúde para os trabalhadores do campo.

A formação do solo da região do Vale do Rio Tijucas é composta por várzeas com predominância de turfas na parte superior e o subsolo argiloso contendo minerais decompostos utilizados para a produção de artefatos de cerâmica vermelha, o que marca a terceira etapa do ciclo econômico da região que se estendeu nos três municípios (São João Batista, Canelinha e Tijucas). Outras atividades se desenvolveram neste período tais como a: indústria de móveis, agricultura, produção de calçados, e alimentos, porém sempre em menor escala. A mão-de-obra que fora utilizada na produção da cana-de-açúcar e após o seu declínio, foi em parte absorvida pela indústria cerâmica e os impactos advindos da produção agrícola foram agravados pela extração da argila no subsolo da região.

Em todas as fases o desenvolvimento regional foi marcado pela exploração dos recursos naturais sem se preocupar com a questão ambiental. A história da região é marcada pela extração das riquezas naturais até a sua exaustão, boa parte desta prática extrativista foi patrocinada pelos mesmos grupos econômicos que predominavam na região. Primeiro foi a extração da madeira, depois o plantio da cana-de-açúcar e por último a extração da argila para a produção ceramista. Todas estas fases levaram a exaustão da capacidade de regeneração do solo da região, os impactos atingiram os afluentes do Rio Tijuca, assorearam o canal do porto da cidade e depositaram grandes quantidades de lama na foz do rio. Em suma foi um desenvolvimento que retirou os recursos da região e deixou como consequência áreas degradadas que talvez não tenham mais condições de serem recuperadas.

### **Perspectivas Atuais: Crescimento Econômico ou Desenvolvimento?**

No exercício do modelo de crescimento econômico pautado na aceleração do ciclo de acumulação do capital, o Vale do Rio Tijucas vem sendo submetido a um processo de degradação ambiental provocado, principalmente pela mineração para atender a demanda do parque cerâmico local. Ao se fazer uma breve análise da degradação ambiental da região fica evidente a aceleração do processo com o passar dos anos provocado pela implantação de indústrias do setor cerâmico e, conseqüentemente, na utilização de equipamentos mais eficientes com a finalidade de aumentar a produtividade. Contudo, todo esse processo não



leva em consideração as consequências sobre o meio ambiente e sobre a utilização dos recursos naturais não renováveis (AUMOND, 2017).

A mineração de argila para alimentar a indústria cerâmica na região constitui um fator a mais para degradação dos rios. Almeida, (1992) fez um levantamento das áreas de degradação ambiental causadas pela extração mineral desordenada e sem técnicas. Para o autor, a intensidade e a extensividade da degradação provocada pela mineração depende do volume de materiais desmontados e aproveitados, do tipo de mineração, quanto à tecnologia empregada, da natureza dos minerais e dos rejeitos produzidos. O descaso por parte dos mineradores da região com relação à questão ambiental em muito contribui para agravar o quadro de degradação em que se encontra o vale. Além disso, a região foi vítima de sucessivos desmatamentos para fornecimento de energia para a indústria cerâmica.

Outra questão importante está nas consequências do desenvolvimento econômico ocorrido na região litorânea, o Vale do Rio Tijucas que por sua vez é promovido pela movimentação turística. Todo esse processo de ocupação do território se revela visivelmente desigual se configura num espaço de contradições, pois, onde muitos veem um ambiente propício de lazer, o mercado capitalista vê um terreno fértil de investimentos lucrativos. De acordo com Maricato, (2012, p.51) é impossível que a sociedade atual, com características de desigualdade e autoritarismo, baseada em relações de privilégio e arbitrariedade, produza cidades que não tenham esses atributos. E deste modo, a especulação imobiliária consiste na disputa entre as atividades e as pessoas por uma localização, ela promove uma dinâmica seletiva de lugares, transforma os espaços segundo as exigências funcionais.

Consoante com o poder exercido pelo capital, a construção da BR-101 proporcionou um aumento no fluxo de turistas na região pela facilidade de acesso. Com o aumento do fluxo de turistas chegaram também os investidores fundiários, que através de seus especuladores começam a ocupar e se apropriar de terras devolutas, que por sua vez eram habitadas por pescadores para a prática da pesca e da agricultura de subsistência. Consequentemente, os pescadores foram obrigados a deixar suas terras e extinguir seu ofício, deixando as regiões da orla para a especulação imobiliária (Pereira, 2002).



## Situação Econômica Atual

A Região litorânea da Bacia do Rio Tijucas possui características urbanas com forte oscilação no número de habitantes. Isto, porque no verão muitos veranistas e turistas se deslocam para esta região. No aspecto econômico a região litorânea é movimentada pelo turismo e a pesca, mesmo que as condições de saneamento e fornecimento de água não recebam os investimentos do setor público para que haja as condições essenciais de habitação. Para fins turísticos esta região também é denominada de Costa Esmeralda, nome que se refere às belezas da orla marítima dos municípios de Itapema, Porto Belo e Bombinhas (SANTOS, 2009).

Em seus primórdios o município de Itapema teve como base da economia a agricultura com cultivos de mandioca e cana, matéria prima dos engenhos de farinha e açúcar, bem como de pastagens. Porém, com a baixa fertilidade dos solos, aliada ao tamanho das propriedades, foram fatores determinantes para que investidores adquirissem terras a preços acessíveis e de grandes extensões para investimentos imobiliários. A conclusão da BR 101 acelera esta dinâmica valorando o solo urbano e criando no município um poderoso mercado imobiliário e, deste modo colocando Itapema no ranking de Capital Catarinense da Construção Civil de acordo com arquivos da Prefeitura de Itapema (2010).

O município de Tijucas tem sua economia focada na indústria, no comércio, na agricultura e na pesca, embora também receba influências do turismo de veraneio (SANTOS, 2009). A indústria Portobello S/A de porcelanato esmaltado e monoporoso se destaca como a maior empresa cerâmica do Brasil, que apresenta um faturamento bruto anual superior a um bilhão de reais e a companhia emprega 2.600 colaboradores (Portobello S/A, 2017). A agricultura do arroz, maracujá e extração de madeira, na avicultura, na pesca e na extração mineral são à base da economia em Tijucas. Um acontecimento importante foi a eliminação do plantio do fumo, isto por causa da alta utilização de agrotóxicos. Isto se deve a uma conscientização dos agricultores de que os agrotóxicos lhes causavam problemas de saúde (Santos et al, 2006).

## Os Índices de Desenvolvimento Humano Municipal Segundo o IBGE para (2010)

Mas, como a economia se constitui somente em uma das partes do desenvolvimento de uma região é preciso uma visão sistêmica para compreender as dinâmicas do território. Os



atuais modelos de desenvolvimento apresentam alguns fatores insustentáveis como o crescimento populacional, a sofisticação do padrão de consumo ao longo das gerações e aliado a diversos fatores socioeconômicos, políticos e culturais. O IDH é um índice chave para os objetivos de desenvolvimento das Nações Unidas e leva em conta a renda, a longevidade e a questão educacional da população. A educação constitui uma exigência para melhor colocação da mão de obra no mercado de trabalho e é um elemento indispensável para o exercício da cidadania, mobilidade social e melhores condições de renda. E, no que diz respeito à longevidade, esta é reflexo das condições de saúde e qualidade de vida das pessoas. No entanto, uma das críticas colocadas ao IDH é o fato deste não considerar a dimensão ambiental em sua apuração. Outra crítica relevante é que o IDH mistura indicadores de estoque como alfabetização e esperança de vida com indicadores de fluxo como escolaridade bruta e PIB per capita (JANNUZZI, 2002).

O Quadro 1 mostra os índices de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) para as cidades da região litorânea da Bacia do Rio Tijucas com indicadores de três dimensões do desenvolvimento humano: longevidade, educação e renda.

**Quadro 1** - IDHM das cidades da região litorânea da Bacia do Rio Tijucas no ano de 2010.

Lugar	IDHM Geral	IDHM Renda	IDHM Longevidade	IDHM Educação
Brasil	0,727	0,739	0,816	0,637
Santa Catarina	0,774	0,773	0,860	0,697
Itapema	0,796	0,788	0,881	0,727
Tijucas	0,76	0,747	0,873	0,672

**Fonte:** Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil

No período de 1991 a 2010 o IDHM de Itapema passou de 0,509 para 0,796. Isso implica em uma taxa de crescimento de 56,39% para o município e 47% para a Unidade Federativa (UF); e em uma taxa de redução do hiato de desenvolvimento humano de 41,55% para o município e 53,85% para a UF. O índice que mais aumentou em termos absolutos foi Educação (com crescimento de 0,445), seguida por Longevidade e por Renda. Na UF, por sua vez, a dimensão cujo índice mais cresceu em termos absolutos foi Educação (com crescimento de 0,358), seguida por Longevidade e por Renda.



Entre 1991 e 2010 no município de Tijucas o IDHM passou de 0,562 para 0,760 e isto representa um crescimento de 35,23% com uma taxa de redução do hiato de desenvolvimento humano de 54,79%. A dimensão cujo índice apresentou significativo aumento em termos absolutos no município foi a Educação com crescimento de 0,326, seguida por Longevidade e por Renda.

Diante do exposto, poderíamos relatar que houve crescimento com qualidade e redução da pobreza para todas as microrregiões selecionadas, mesmo que alguns indicadores necessitem de maior assistência à exemplo da renda nos municípios de Itapema e Tijucas. Entretanto, os dados do IDHM não permitem dizer que de fato houve melhora na qualidade de vida. De acordo com Florit e Grava (2013) os debates sobre o desenvolvimento, com suas frequentes revisões e análises espalham controvérsias em torno dos rumos que sociedades deveriam tomar para a satisfação das pretensões humanas. Infelizmente, os debates sobre desenvolvimento têm se reduzido somente a questão econômica.

Neste processo, ganhou força o entendimento de que os processos de desenvolvimento não podem nem devem se ater a uma trajetória linear única e pré-definida como imperativo civilizatório, mas devem atender a uma gama complexa de variáveis, tanto objetivas (como a viabilidade econômica, os limites ambientais e as condições político-institucionais) quanto subjetivas (como as concepções de bem-estar, valores culturais e anseios dos sujeitos envolvidos) (FLORIT; GRAVA, 2013).

A relevância atribuída no debate sobre desenvolvimento está associada aos arranjos de interesses econômicos e políticos que dão suporte e viabilizam tais modelos de desenvolvimento. Deste modo, os modelos de desenvolvimento de fato observados expressam princípios de relações sociais de conflito que se materializa em ordens econômicas e políticas consagradas, protegidas e reproduzidas desde o Estado (FLORIT; GRAVA, 2013).

### **Considerações finais**

O Vale do Rio Tijucas habitado pelos Índios carijós sofreu os impactos da colonização europeia que promoveu de início a exploração de madeira que resultando no primeiro ciclo de desenvolvimento econômico da região. A ocupação do território aliadas as práticas extrativistas danosas propiciaram o acontecimento de diversos ciclos econômicos que



alternaram crescimento e declínio da região do Vale do Rio Tijucas. Desde o ciclo da madeira, passando pela atividade agrícola, até a industrial o que pode ser observado foi o uso desenfreado dos recursos, alterando de forma significativa o equilíbrio social e ambiental produzindo riquezas concentradas nas mãos de poucas famílias e distribuindo os problemas ambientais e sociais a maior parte da população. A região do Vale do Rio Tijucas outrora responsável por boa parte da economia catarinense durante o seu apogeu, assiste a períodos de crescimento e declínio das suas atividades econômicas. Os recursos gerados no seu desenvolvimento contribuíram para o crescimento do Estado de Santa Catarina, contudo, sem a devida contrapartida no desenvolvimento local. Deve-se refletir até que ponto a busca pelo crescimento econômico será viável sem o devido cuidado com o meio ambiente, com as questões sociais e com os modelos tradicionais de desenvolvimento econômico implantados no país.

Para verificar a questão do desenvolvimento na microrregião fez-se a utilização dos índices IDHM, mas uma das críticas colocadas ao IDHM é o fato deste não considerar a dimensão ambiental em seu cálculo. Outra crítica relevante é que o IDHM mistura indicadores de estoque como alfabetização e esperança de vida com indicadores de fluxo como escolaridade bruta e PIB per capita (JANNUZZI, 2002). Nada obstante, mesmo com a melhora nos índices de IDHM não podemos afirmar que houve melhora na qualidade e redução da pobreza, porque o desenvolvimento de um território implica em variáveis objetivas e subjetivas que deveriam tomar para atingir a satisfação das pretensões humanas.

## Referências

ALMEIDA, Efigênia Soares. **O Polo Cerâmico do Vale do Rio Tijucas: Análise da Exploração Mineral e da Degradação Ambiental**. Dissertação de Mestrado. UFSC- Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis - SC. 126 p.

AUMOND, Juarez Jose. A questão ambiental no Vale do Rio Tijucas. Aula da disciplina Meio Ambiente, Sociedade e Desenvolvimento da Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional. FURB: 26 de maio de 2017.

BEZZI, Meri Lourdes. **Região: uma (re) visão historiográfica**. Santa Maria: Editora UFSM, 2004.

BOISIER, Sérgio. **¿Hay espacio para el desarrollo local en la globalización?** Revista de la CEPAL, Santiago do Chile, n. 86, p. 47-62, agosto de 2005.



- BOURDIEU, Pierre. **Sobre o Estado: cursos no collége de France (1989-92)**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2008.
- FURTADO, Celso. **Teoria e política do desenvolvimento econômico**. 10. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- FLORIT, L. F.; GRAVA, D. S. **Ética ambiental, especismo e desenvolvimento territorial sustentável**. In: XXIX Congreso ALAS Chile, 2013, Santiago de Chile. XXIX Congreso ALAS Chile, Crisis y Emergencia Sociales en América Latina, 2013.
- JANNUZZI, Paulo de Martino. **Considerações sobre o uso, mau uso e abuso dos indicadores sociais na formulação e avaliação de políticas públicas municipais**. Revista de Administração Pública, Rio de Janeiro, v. 36, p.51-72, jan. 2002.
- MARICATTO, Ermínia. **O Futuro da Metrópole Periférica Global**. II Lehmann Dialogues, Harvard 2012.
- MATTEDI, Marcos Antônio. **Pensando com o desenvolvimento regional: subsídios para um programa forte em desenvolvimento regional**. Blumenau: Revista Brasileira de Desenvolvimento Regional, 2015.
- MEURER, Catarina Cristina Bárbara de Siqueira. 2011. **Análise da Paisagem da Bacia Hidrográfica do Rio Tijucas, SC: Proposta de Áreas Prioritárias para um Sistema de Unidades de Conservação**. Dissertação de Mestrado. UNIVALI - Universidade do Vale do Itajaí. Itajaí, SC. 105 p.
- Oliveira, A. **Roteiros Turísticos: Costa Esmeralda**. Disponível em: <[http://www.guiasantacatarina.com.br/mapas/roteiros\\_turisticos.php3](http://www.guiasantacatarina.com.br/mapas/roteiros_turisticos.php3)>. Acesso em: 25 junho 2017.
- PEREIRA, Raquel Maria Fontes do Amaral, Rachel Aparecida de Oliveira e Daili Westerlon. **O turismo e a dinâmica sócio espacial do município de Itapema**. Revista Turismo Visão e Ação (PIPG) -ano4.no9, p.61-74. Univali, 2002.
- PEET, Richard; HARTWICK, Elaine. **Theories of development contentions, arguments, alternatives**. 2. ed. Guildford Press: New York, 2009.
- SACHS, Wolfgang. **Dicionário do desenvolvimento: guia para o conhecimento como poder**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- Santos, J. S. M, Meurer, C. C. B. de S. & Atanásio, Z. D. 2006. **Diagnóstico Participativo dos Recursos Hídricos e seus Usos da Bacia do Rio Tijucas, Perequê e Santa Luzia**. Tijucas. 176p.
- Santos, Janaina Sant'Ana Maia. 2009. **Governança da água e tecnologias de sensoriamento remoto e geoprocessamento para a construção de cenários ambientais na bacia hidrográfica do Rio Tijucas**. Santa Catarina. [tese] - Florianópolis, SC. 235 p.